

Maciel prevê que só em fevereiro se começa a votar nova Constituição

RECIFE— O presidente nacional do PFL, Senador Marco Maciel, previu que a nova Constituição não ficará pronta antes de maio ou começo de junho, porque "as votações só terão início em fevereiro". Ele acredita que o sistema presidencialista sairá vitorioso, mas fez uma advertência: "Se o parlamentarismo vencer, as eleições gerais passam a ser um imperativo ético pois o povo escolheu os parlamentares para fazer a Constituição e não para governar o país."

Maciel acha que será fácil convencer os parlamentaristas a aceitar o presidencialismo, "desde que seja apresentada uma emenda, aumentando os poderes do Congresso e criando a equipotência dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário".

Ele está convicto de que o mandato do presidente José Sarney será mesmo de quatro anos e não acredita que o retardamento dos trabalhos constitucionais impeça a realização de eleições em 1988. "Basta que no capítulo das disposições transitórias seja aprovada a redução dos prazos de desincompatibilização e filiação partidária."

Para Maciel, o *Centrão* está mais interessado nas questões econômicas e sociais do que nas políticas. Apontou três argumentos para justificar a defesa do presidencialismo e das eleições em 1988: o desgaste do presidente Sarney, a descrença no governo e o fato de que, segundo ele, "o povo não está disposto a votar em presidente que não terá força, como uma espécie de rainha da Inglaterra".

Maciel anunciou para o dia 5 de janeiro uma reunião da executiva do PFL em Brasília, para "tentar fixar a posição do partido em relação ao presidencialismo e às questões econômicas e sociais". Já decidiu, porém, que não se discutirá o mandato do presidente Sarney.

Manifesto parlamentarista une no Rio Arinos, Fafá e PC do B

Almir Velha

Bob Fernandes

O senador Afonso Arinos (PFL-RJ), que presidiu a Comissão de Sistematização, acredita que o *Centrão* é uma aglutinação da direita que não terá fôlego nem capacidade política ou jurídica para rever o que foi votado até agora. O presidente do PC do B, João Amazonas, ao contrário, diz que a Constituição será "reacionária", e ameaça: "Se a direita nos atropelar, muitos constituintes não assinarão a Carta." Os dois constituintes de 1946, entretanto, se uniram ontem no Rio, assinando a Carta do Rio de Janeiro, manifesto que reuniu 300 pessoas e uma salada ideológica no Palácio Tiradentes, a favor do parlamentarismo com eleição direta.

O prefeito Saturnino Braga defendia uma "fusão" do seu PSB com um hipotético PSDB nascido do esfacelamento do PMDB. Os pemedebistas José Fogaça, senador pelo Rio Grande do Sul, e Ana Maria Rattes e Paulo Ramos, deputados do Rio, pregavam "incendiar o PMDB, agravar a crise para que se tome uma decisão", como afirmou Fogaça. Saturnino concordou:

— É isso aí. É preciso definir quem é quem. Eu, de minha parte, lutarei pela fusão dentro do PSB. Quanto menos liberal, de centro, for o grupo que sair do PMDB mais fácil será realizá-la.

Todos eles, mais o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), os deputados Edmilson Valentin, e Jandira Feghali (PC do B), e Heloneida Studart (PMDB) assistiram à cerimônia, iniciada no plenário do Palácio Tiradentes às 18h30min. O documento de 50 linhas tem trechos dirigidos exclusivamente ao ex-governador Leonel Brizola, que vem liderando uma campanha antiparlamentarista.

"Esquecem que a Austrália, sim, a Austrália adota o parlamentarismo" — está dito na Carta. Além da referência ao país que vem sendo citado como exemplo por Brizola, afirma ainda o documento: "A nação assiste à desabrida corrida ao



Arinos, Fogaça e Fafá assinaram a Carta do Rio

poder, a todo poder, ao poder sem limites, ao poder infinito dos que lutam por manter o povo escravizado às decisões unipessoais das Chefias acumuladas do Estado e do governo, para servir ao delírio de onipotência que os impulsiona e alimenta."

Tristeza — De viva voz, Arinos acrescentou: "Não querem presidir, querem ser imperadores, mas não vejo condições em tais candidatos para que se consiga deslanchar uma campanha que empolgue a opinião pública." O senador não acredita que dê resultado prático a união de Brizola e o senador Marco Maciel (PFL) na luta pelo presidencialismo. O presidente do PC do B, João Amazonas, vai além:

— Este paralelismo é útil ao outro lado. Poderíamos fazer a campanha pelas diretas juntos, sem discutir o sistema de governo, mas o Brizola quer levar a ferro e fogo. Tentamos alguns comícios conjuntos e o Brizola não respeitou estas divergências.

Outro tema debatido antes que a cerimônia fosse iniciada com as galerias tomadas por militantes do PC do B, em sua maioria, foi a Constituinte.

Arinos contestou as críticas à demora do processo Constituinte: "É assim mesmo. Vejam a Europa e processos semelhantes depois da 2ª Guerra. Vejam a transição na Espanha depois de Franco." Para o senador "o trabalho feito até agora é muito melhor do que se pensa e escreve. O problema é que ninguém leu nada e esta direita do *Centrão* tem muita articulação e capacidade junto aos meios de Comunicação. Aí, ficam dizendo estas bobagens todas."

Com presença anunciada e aguardados até duas horas depois de iniciada a cerimônia, não haviam comparecido o governador da Bahia, Waldir Pires, e o ex-governador de São Paulo, Franco Montoro. Apareceu, para dar uma olhada, a musa das diretas de 1984, Fafá de Belém. Discreta, olhando tudo de longe, comentou:

— Que tristeza aquela festa toda ter dado neste Brasil de hoje.

Fafá, depois de gravar um especial de fim de ano, viaja para cantar em Portugal, no Cassino Estoril, na virada do ano: — Vou pra fora. Aqui tá muito down. Trabalho um pouco e vou ver como fica o Brasil de longe.

'Centrão' distribui texto de projeto

BRASÍLIA — Uma dezena de deputados do *Centrão* se reúne hoje em Brasília para avaliar o momento político nacional e distribuir o texto final das emendas do grupo ao anteprojeto de Constituição. Embora disposto a aparentar independência em relação ao Planalto — "muitos companheiros não apoiam o presidente Sarney", diz o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ) —, o *Centrão* poderá reforçar no encontro de hoje a tese de que o grupo tem cacife para exigir participação no governo porque forma a base de sustentação parlamentar de Sarney.

"O presidente deve ter no governo políticos identificados com sua maioria parlamentar", afirma o deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara e peça fundamental do *Centrão*. Mesmo evitando citar ministros com os quais os governistas no Congresso não concordam, Lourenço aplaude qualquer gesto de Sarney que reforce os laços entre os ministros que decidem e os políticos que votam a Constituinte. "Sem esse entrosamento o governo não funciona", declarou.

Há um mês os governistas do Congresso — a maioria absoluta integrada ao *Centrão* — pressionam Sarney para que reformule sua equipe. Em encontro com Sarney no início do dezembro, o deputado Expedito Machado (PMDB-CE) já

cobrava do presidente a nomeação de assessores independentemente dos partidos políticos. "Qual o ministro que o senhor pode dizer que é seu? São poucos. O senhor deveria mudar isto e só escolher nomes de sua confiança", disse Expedito Machado ao presidente.

Cota esgotada — O senador Álvaro Pacheco (PFL-PI), outro parlamentar do círculo íntimo de Sarney, também defende a tese de que apenas pessoas ligadas ao presidente devem compor o ministério. "O presidente já me disse que só quer ao seu lado nomes de confiança. Não vai mais aceitar indicações do doutor Ulysses" (o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB), contou Pacheco. De acordo com um deputado, o senador antecipou, no início de dezembro, que o então ministro da Fazenda, Bresser Pereira, deixaria o posto e os pemedebistas não teriam mais direito de fazer o sucessor. "A cota de indicações do doutor Ulysses está esgotada", explicou Álvaro Pacheco.

A ascensão do Mailson Nóbrega para o Ministério da Fazenda está recebendo aprovação no Congresso. "O Mailson é do ramo, tem experiência e não vai fazer as trapalhadas que fizeram os Beluzzos e os João Manoel que estiveram no governo", atacou o deputado José Lourenço,

referindo-se aos principais assessores do ex-ministro Dilson Funaro. Ele acrescentou que o ministro interino da Fazenda "está identificado com a base de sustentação parlamentar de Sarney". Manter Mailson e ampliar espaços no governo é o que pretende o grupo governista, admite um dos assessores de Sarney, descartando, contudo, qualquer mudança até meados de janeiro.

A possibilidade de alteração nos ministérios, segundo esse informante, poderá se tornar necessária para Sarney caso ocorra o esvaziamento do *Centrão* e haja ameaça de redução do mandato de Sarney, com a confirmação das diretas em 88. Há experiências parlamentares, no entanto, que não acham possível qualquer mudança de peso no governo. "O problema é a falta de decisão", diz, por exemplo, o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC). Ele aposta na manutenção de Mailson Nóbrega ou na ascensão de qualquer outro que já integre o governo para o Ministério da Fazenda, descartando outras alterações:

— Não vai acontecer mais nada e vamos ter diretas em 88. Afinal, os constituintes estão de férias, em seus estados, recebendo as pressões do povo. E este, nem se discute, só aceita mandato de quatro anos.